Marcos Satoru Kawanami

MORALISMO IRÔNICO DE NOEL ROSA

ano

2002

EPÍGRAFE

*Quando eu morrer, não quero choro nem vela;*

*Quero uma fita amarela*

*Gravada com o nome dela...*

*Meus inimigos*

*Que hoje falam mal de mim*

*Vão dizer que nunca viram*

*Uma pessoa tão boa assim!*

(Fita Amarela; samba; 1932)

Noel Rosa

RESUMO

Esta monografia versa sobre um aspecto marcante na obra de Noël de Medeiros Rosa: seu moralismo irônico. Primeiro apresenta definições de Moral, apartir das quais sustentar-se-ão as análises pertinentes à demonstração proposta, relacionando a vida alijada de moral de Noel ao seu desprezo pela hipocrisia, o qual resulta no moralismo irônico verificado em parte considerável do conjunto de suas composições.

Palavras Chave: Moral; Ironia; Literatura; Humorismo; Samba.

ABSTRACT

This final graduation work concerns a distinctive character in the literary and musical career of Noël de Medeiros Rosa: his ironic moralism. Initially it gives definitions of morality on which the demonstration will have it’s theoretical parameters. It will associate Noel’s lack of moral in life to his disgust for hypocrisy, which results in the ironic moralism found in many of his compositions.

Key Words: Moral; Irony; Literature; Humorism; Samba.

**INTRODUÇÃO**

Poeta da Vila, Sócrates do Samba, Filósofo do Samba são algumas das alcunhas que recebeu Noël de Medeiros Rosa, carioca, compositor popular, nascido em 1910 no bairro de Vila Isabel, e falecido lá mesmo aos 26 anos de idade em 1937, tendo deixado uma bagagem (lítero-musical) de mais de 230 músicas.

Sua breve carreira deu-se na década de 1930, a mesma década de Ary Barroso, que prosseguiria compondo pelos anos 40 e 50. Noel nunca alcançaria a fama internacional de Ary, mas sua importância reside na inovação de linguagem que introduziu na música popular brasileira, com palavras da natureza de “desinfetado” e gírias tais quais “fuzarqueira”, “se pirar” e “passar a beiçolina”. Noel tinha a singular qualidade de conseguir dizer verdades sem a intenção direta de fazê-lo, tão somente expondo situações (às vezes triviais) da realidade.

Além disso, Noel Rosa abordou também temas pitorescos do quotidiano carioca, fazendo dele um cronista de época. Segundo Antônio Carlos Jobim, “Ninguém cantou o Rio melhor que ele.” (CHEDIAK, 1991, encarte do disco).

Já se reconhece o valor literário das suas letras, e a comicidade de muitas delas, mas pareceria contraditório falar em moralismo de Noel Rosa, verificando-se sua biografia. Contudo, valendo-se dessa contradição com ironia, ele compôs considerável parte de sua obra (é o que se verificará). Trataremos aqui deste aspecto de Noel Rosa: sua postura irônica diante da moral que a sociedade lhe impunha.

É conhecido dos estudiosos e apreciadores de Noel Rosa o seu humor irônico e abordagem não convencional e pitoresca da realidade, como cronista caricatural de sua época: os primeiros decênios do século XX. Daí há de se trazer à luz um relevante aspecto de cunho filosófico, ainda que tenha tido abordagem lúdica: o moralismo presente em várias composições do Poeta da Vila.

Primeiramente devemos definir um conceito de moral e os parâmetros com os quais analisaremos 14 letras escolhidas à guisa de amostragem, uma de cada disco-compacto da discografia completa de Noel Rosa organizada por Omar Jubran para a FUNARTE.

Noel viveu no Rio de Janeiro de 1910 a 1937, tendo nascido e morrido nesse período e nessa sociedade, a qual tinha por baluartes dos “bons costumes” a castidade feminina, a humildade (anti-soberba, mesmo que valorizando a prosperidade econômica do indivíduo), e o respeito severo às autoridades civis e militares. Aí destoa o poeta:

Na análise, serão apontadas as passagens relacionadas à moral, a fim de revelar a postura irônica de Noel ao compor, tendo em vista o imoralismo presente em sua biografia.

1) Uma definição de moral:

“Ela vem do latim *mos-mores* e designa os costumes, o comportamento ou as regras que regem nossa vida. Tem a função de apontar normas, princípios e valores que orientem o agir humano. Trata do que “é preciso fazer”. Quer ser uma busca responsável de organizar e sistematizar valores e regras que sejam válidos em nosso tempo e em nosso espaço, aqui e agora”. (AGOSTINI, 1997, p.38)

“A crise da moral não deve ser colocada prevalentemente nas normas de comportamento. Está situada num nível mais profundo: na legitimação ou não legitimação da exigência moral enquanto tal”. (VIDAL, 1978, p.10)

2) Definição do ato de pecar:

“[...] 5.Cometer erro, falta; errar: pecar contra as boas maneiras. 6.Faltar (a qualquer regra moral ou disciplina)”. (FERREIRA, 1985, p.1279)

3) Sete pecados capitais: Ira, Mentira, Gula, Inveja, Avareza, Luxúria e Preguiça; donde derivam a Incontinência dos bêbados como forma de gula, e a Hipocrisia como forma de mentira.

4) Passagens imorais da vida de Noel Rosa:

A polícia deve zelar pela segurança e bons costumes (dever ser) da sociedade, mas Noel parece desprezar isso na seguinte passagem: Ademar Casé pergunta a Noel se já não é hora de levar a vida a sério. “A poucos metros da Rua Carlos Vasconcellos, na Tijuca, Noel o interrompe.

‑Pare o carro aqui, Casé.

‑Onde?

‑Aqui. Em frente à delegacia.

Casé obedece, mesmo sem entender. Vê Noel saltar do carro, caminhar em volta como se a procurar de alguma coisa no chão.

‑Agora põe o carro em movimento, Casé.

‑Que história é essa, Noel?

‑Ligue o motor. Quando eu mandar, acelera.

É então que Noel faz seu braço girar em círculo, à maneira de atleta lançador de disco, e joga um pedregulho na janela envidraçada da delegacia. Voam estilhaços por todo lado. Ele dá uma gargalhada.

‑Pé na tábua, Casé! Pé na tábua!” (MÁXIMO, 1990, p.413)

Noel era um incontinente, grande bebedor:

“‑Por que não come alguma coisa, Noel? Beber assim, cerveja e conhaque, de estômago vazio não faz bem. Você deve se alimentar.

‑E o que pensa que estou fazendo?

É então que se põe a discorrer sobre o alto valor nutritivo da cerveja, o poder sedativo do lúpulo, a riqueza da cevada que é até usada para engordar gado, os glicídios e as enzimas contidos no malte. Pensando bem, uma cerveja vale por um almoço.

‑Está certo – conforma-se Nássara. –Mas e o conhaque?

‑Bem, o conhaque é porque eu não gosto de comer sem beber.”

(MÁXIMO, 1990, p.433)

Houve também a vez em que Noel compôs uma valsa pornográfica e fez com que um ingênuo amigo seu a cantasse em frente à casa das filhas de um carrancudo oficial do Exército, fato que quase pôs fim à vida do referido amigo, pois o pai das moças atirou-lhe projéteis com revólver ao ouvir a canção, cujo trecho irreverente segue reproduzido abaixo:

Eu saí da tua alcova

Com o prepúcio dolorido

Deixando o teu clitóris gotejante

Com volúpia emurchecido.

Porém, o gonocócus da paixão

Aumentou minha tensão... (MÁXIMO, 1990, p.137)

Faz-se digno de nota um certo atavismo no tocante à irreverência de Noel Rosa; em 1904 seu avô paterno publicava em Juiz de Fora um livro de poemas intitulado *Catecismo*, no qual constavam versos tais quais os do seguinte soneto:

Ser virgem, sim... não ter na carne pura

a deliciosa mácula do beijo...

Não suportar a angústia do desejo,

isentar-se do crime da –Ventura!...‑

Eis o círculo férreo que enclausura

o teu mundo ideal. E num adejo,

como de insectos d’ouro nelle vejo

o pó dos mortos sonhos de ternura...

Teus castos seios, nunca maculados,

hão de ser pelos vermes devorados

em larga festa, livres, sem estorvos.

Não vibras, é verdade! Mas que importa?

Si essa CARNE que tens é carne morta,

nella se fartem de lascívia os corvos!

Pois é... Assim falava o avô de Noel, poeta de raça, que gostava de dizer as coisas sem consultar figurinos, sem temer conseqüências.

(PACHECO, 1955, p.17)

5) Análise:

Nas páginas da análise semântica serão apontados os aspectos das composições de Noel Rosa relacionados à moral e a forma irônica com que é tratada. Cada letra foi retirada de um disco-compacto dos 14 discos que constam na sua discografia completa, amontando em 14 letras a serem avaliadas neste trabalho. Parecerá um afazer exaustivo, mas pertinente, pela abrangência, à comprovação a que nos propusemos.

**CAPÍTULO I**

(moral e ironia)

Consoante foi dito na introdução, a Moral institui convenções para os costumes e relações civilizadas de um povo; cuida do que e do como deve ser, do que “é preciso fazer”.

Paradoxalmente, a Moral só existe devido à imoralidade; em outras palavras: se houvesse perfeito entendimento e nenhuma beligerância entre os cidadãos, não seria necessário outorgar-lhes um código moral.

Assim, a própria Moral implica e admite a existência da imoralidade. Ora, tal convivência entre ideais diametralmente opostos jamais poderia ser harmônica, e daí, já à primeira vista, verifica-se a matriz da ironia moral; posto que, enquanto a Moral se afirma no enunciado teórico, a mesma é constantemente negada na enunciação da prática quotidiana. Daí a tão celebrada expressão: “falso moralista”. É aquele indivíduo que busca angariar prestígio de bom-cidadão ao ditar a todo ensejo regras morais, as quais ele mesmo, às ocultas, despudoradamente as vai infringindo. Na música popular brasileira, um exemplo disso temos num samba de Nelson Sargento, intitulado *Falso Moralista*:

Você condena o que a moçada

Anda fazendo

E não aceita o teatro de revista.

Arte moderna, pra você, não vale nada;

Até vedete você diz não ser artista.

Você se julga muito bom, até perfeito...

Por qualquer coisa deita logo falação.

Mas eu conheço bem os seus defeitos,

E não vou fazer segredo não:

Você é visto toda sexta no Joá,

E não é só no carnaval

Que vai pros bailes se acabar.

Fim de semana

Você deixa a companheira,

E no bar com os amigos

Bebe bem a noite inteira.

Segunda-feira chega na repartição,

Pede dispensa para ir ao oculista,

E vai curar sua ressaca simplesmente (meu amigo),

Você não passa de um falso moralista.

(do disco *Dança da Solidão*; canta: Paulinho da Viola)

É parecido o caso do moralismo irônico de Noel, mas com uma substancial diferença. Noel, em suas letras, não põe-se a ditar regras nem “se julga muito bom, até perfeito”; pelo contrário, muitas vezes o próprio eu-lírico é o imoral (exemplos: “O Pulo da Hora” e “Mentir”). Noel retrata cenas triviais do dia-a-dia, e aí jaz um grande mérito seu, porque mostra implicitamente e com naturalidade despretenciosa como são corriqueiras as imoralidades daquelas mesmas pessoas de “bons-costumes” que na vida real o repreendem fazendo, aí sim, o papel de falsas moralistas.

Portanto, um paradoxo: a Moral implica o surgimento da Imoralidade, que por sua vez, também num paradoxo, auxiliada pela Moral, engendra a figura do falso-moralista. Neste terreno fértil de contradição, é fácil ao ferino senso observador dum Noël de Medeiros Rosa verificar a ironia do moralismo. Eis o porquê da popularidade do tão irônico dístico: “Faça o que eu digo; não faça o que eu faço”.

**CAPÍTULO II**

(música e literatura)

A relação entre música e literatura, em sua genealogia, vai remontar até a Antiguidade, no Odeon, teatro da acrópole de Atenas onde textos em verso eram cantados. Hoje, dá-se a uma determinada forma de poema a designação de ode, mesmo furtando-se-lhe qualquer melodia ou acompanhamento musical. Ou seja, nesse caso em particular a canção transformou-se em simples literatura.

Em seu tempo, quão popular não foi a Ópera, teatro musical que tinha mais de música do que literatura, posto que imortalizaram-se nomes de seus compositores musicais: Wagner, Mozart, Verdi, Beethoven. Mas, e os libretos: quem os escreveu? Em suas três operetas, Noel Rosa fez os dois papéis: do escritor e do compositor. Parodiando “O Barbeiro de Sevilha”, Noel compôs uma opereta intitulada “O Barbeiro de Niterói” e, no mesmo ano de 1935 ainda escreveu e musicou as outras duas, a saber: “A Noiva do Condutor” e “Ladrão de Galinha”.

No teatro clássico, temos como expoente na Espanha Calderón de la Barca e sua “La vida es sueño”, e Gil Vicente em Portugal, com seus autos; nestes dois autores, a musicalidade é marcada pelo uso do verso em redondilha, além da rima, a qual impera na maioria esmagadora das canções. Rimadas em sua língua original são também as peças de Shakespeare, e, quando assim interpretadas, o ritmo musical aflora de modo gritante e pleno de graça.

Noel valeu-se bastante da redondilha, expediente literário comumente associado à música desde as canções medievais do Trovadorismo. Não obstante, por vezes conseguiu encaixar versos decassílabos na melodia e ritmo do samba, caso de “Onde Está a Honestidade?”:

O seu dinheiro nasce de repente,

E, embora não se saiba se é verdade,

Você acha nas ruas diariamente:

Anéis, dinheiro e até felicidade!

Não apenas decassílabos, mas, observe-se bem: decassílabos heróicos, ao feitio camoniano e perfeita combinação rítmica com a música. É de Noel Rosa e Vadico, o antológico “Conversa de Botequim”, aclamado pela crítica como um exemplo imaculado de prosódia. Aqui, deparamo-nos com uma dificuldade no afã de casar literatura com música, a letra com a melodia sem prejuízo à prosódia; daí o referido mérito de Vadico e Noel, o músico e o poeta sintonizados encontraram a fórmula ideal, nasceu um samba “lítero-musical”, usando a expressão de Tom Jobim.

Mormente, porém, uma canção apresenta algum desencontro entre as sílabas tônicas da letra e o ritmo musical; um exemplo no samba é este verso da famosa canção *Bonde de São Januário*, de Ataulfo Alves: “Antigamente eu não tinha juízo”.

A tônica da palavra “antigamente” é na sílaba “men”, mas canta-se com a tônica em “ti”. O que não vem a ser descrédito; é quase uma fatalidade quando a mensagem é tida pelo compositor como prioritária. A música norte-americana da mesma época celebrizou-se muito mais pela beleza melódica, em detrimento das letras ocas, vazias, fúteis, pueris. Na década de 1940, as orquestras dos EUA ganham vulto; seu pivô: o major Glenn Miller e as tão empolgantes melodias de “Moonlight Serenade” e “In The Mood”. Ambas melodias orquestrais; sem letra.

Retomando Ataulfo, é dele o pungente e profundamente humano samba “Meus Tempos de Criança”, versos em nove sílabas poéticas, prosódia perfeita e mensagem que parte da infância particular na pequenina cidade mineira de **Miraí (\*)** para ganhar uma dimensão universal; basta ouvir a primeira e a última estrofes:

|  |  |
| --- | --- |
| Eu daria tudo que eu tivesse  Pra voltar aos dias de criança.  Eu não sei porque que a gente cresce  Se não sai da gente essa lembrança... | [...]  Eu igual a toda a meninada,  Quanta travessura que eu fazia...  Jogo de botões sobre a calçada...  Eu era feliz, e não sabia... |

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**(\*)** Aos 2 dias do mês de maio de 1989, por ocasião dos 80 anos de nascimento de Ataulfo Alves, a Banda do Colégio Capitão Lemos Cunha (C.N.E.C. – RJ) marchou pelas ruas de **Miraí** tocando os sambas “Atire a Primeira Pedra”, “Ah! Que Saudades da Amélia” e “Leva Meu Samba” em memória do compositor. Era o mestre da banda o velho Sargento Djalma Oliveira Araújo.

**CAPÍTULO III**

(análise semântica das letras)

CD: 01

Letra: 10

**DONA ARACY** – marcha (1930)

(Noel Rosa)

Dona Aracy! Dona Aracy!

Quero saber:

Como anda isso por aí?

Como vai o seu Malhado (1)?

Seu marido em certidão

Inda está desconfiado

(Inda está desconfiado)

Que é lesado pelo irmão.

Como vai a sua filha?

Que namora no porão

Se a senhora não estrilha

(Se a senhora não estrilha)

Quero uma apresentação.

Como vão as suas jóias?

Tão bonitas, eu não nego

Não passavam de pinóias

(Não passavam de pinóias)

Davam dez tostões no prego.

Que foi feito do Renato?

Que malvado, que troféu

Que pisava em meu sapato

(Que pisava em meu sapato)

E cuspia em meu chapéu.

(1) *Malhado*: apelido de Serafim Vieira da Cunha, motorista de praça e amigo de Noel.

com ALMIRANTE e Bando de Tangarás

PARLAPHON (13.271B) – janeiro/1931

análise:

Na segunda estrofe, há uma insinuação de adultério que Malhado estaria sofrendo. Ora, segundo a moral cristã, o adultério é uma irregularidade. E dentro dos Pecados Capitais remete à Luxúria.

Na terceira estrofe, a filha de Dona Aracy estaria sendo licenciosa ao namorar no porão, e o poeta denuncia esta prática como algo obsceno e imoral segundo o costume da época.

Há, portanto, nos versos acima a exposição de duas faltas morais observadas na sociedade com ironia sutil por meio de sugestões indiretas.

CD: 02

Letra: 09

**O PULO DA HORA** – samba (1931)

(Noel Rosa)

‑ Que horas são?

Eu venho agora

Saber a hora

Que o ponteiro

Está marcando

No relógio da senhora

Minha mulher

Sempre quer me dar pancada

Quando eu olho o mostrador

Do relógio da criada.

E eu já danado

Com intriga e com trancinha

Arranquei hoje o cabelo (1)

Do relógio da vizinha.

Fiquem sabendo

Os senhores e as senhoras

Que o pai da minha pequena

Me manda embora às 10 horas,

Mas a pequena,

Que é sabida e muito sonsa,

Com este pulo da hora

Já deu o pulo da onça.

Há muito tempo

Briguei com o batedor,

Troquei de mal com as horas,

Quebrei o despertador.

O meu relógio

Anda agora viciado

De tanto andar no meu bolso,

Ele anda sempre atrasado.

(1) **cabelo**: componente dos relógios a corda

com NOEL ROSA e conjunto

PARLAPHON (13.350A) – outubro/1931

análise:

O relógio, com seu formato de mostrador tradicionalmente circular, é a possível metáfora que o poeta usa para nádegas.

Na primeira estrofe, considerando-se o PONTEIRO qual símbolo fálico, insinua-se que o autor quer saber quando que uma dita senhora está mantendo relações luxuriosas.

A referida metáfora ganha mais ênfase na segunda estrofe, quando a esposa “dá pancada” no marido quando ele repara no “mostrador do relógio” da criada. É a denúncia do assédio sexual entre patrão e empregada, além do indício de adultério pincelado com muita ironia.

A terceira estrofe alude à “moça de família” que à época de Noel deveria manter a máxima castidade do “bom costume”, mas que acaba também dando seu “pulo da onça” e tapeia a proibição do pai de se encontrar mais amiúdo com o namorado.

A letra desse samba logra com bastante sutileza revelar os vícios e contradições à moral da época (Noel é um cronista de época por excelência na opinião de João Máximo, Carlos Didier e A. Carlos Jobim). Seu mote gira em torno da moral sexual corrompida, ironicamente descrita pelo Poeta da Vila.

CD: 03

Letra: 01

**PALPITE** – marcha (1931)

(Noel Rosa – Eduardo Souto)

Palpite! Palpite!

Nasceu no crânio

De quem teve meningite.

Foste linchado lá num samba em Catumbi

Porque tocaste no pandeiro o Guarani.

Num dia destes perguntaste ao condutor

Se os bondes passam pela Rua do Olvidor.

Ser palpiteiro neste mundo é a tua sina;

Vendeste o carro pra comprar a gasolina.

com FRANCISCO ALVES e Orquestra Copacabana

ODEON (10.870A) – novembro/1931

análise:

No estribilho, primeira estrofe, Palpite é a metáfora da soberba, como pode ser comprovado em toda a letra da canção.

Catumbi era e ainda é um bairro pobre do Rio de Janeiro, e a ópera *O Guarani* de Carlos Gomes é uma afronta de erudição em meio a um samba estabelecido em tal bairro. Portanto, tocar no pandeiro a referida ópera acaba sendo uma patente prova de soberba.

Na segunda estrofe, há de se reparar na soberba da pergunta da possibilidade dos bondes passarem por um lugar em particular; esse lugar é a Rua do Olvidor, local de tradicional requinte com lojas e estabelecimentos de luxo, mas por demais estreita para a passagem de bondes. Daí, mais uma graciosa zombaria da soberba de alguns indivíduos os quais, sendo “palpiteiros”, exalariam soberba aos olhos do poeta.

A última estrofe chega ao limiar do sarcasmo ante a soberba, uma incontinência moral, quando um personagem dá-se ao cúmulo de vender o carro para comprar o próprio combustível, indício de uma insustentável e insana ostentação.

CD: 04

Letra: 08

**NUVEM QUE PASSOU** – samba (1932)

(Noel Rosa)

A nossa imensa felicidade

Foi uma nuvem que já passou

O teu amor que traz saudade

Foi estrela que brilhou

E pra sempre se apagou.

A mulher mente brincando

E às vezes brinca mentindo

Quando ri está chorando

E quando chora está sorrindo.

Quero lembrar o passado

Por um prazer, uma dor

O amor é um pecado

Mas quem não ama é pecador.

Meu ideal foi desfeito

Não quero mais amizade

Para não trazer no peito

O atroz veneno da saudade.

No céu do amor a saudade

Brilhando sempre ficou

E a nossa felicidade

Foi uma nuvem que passou.

com FRANCISCO ALVES e Orquestra Copacabana

ODEON (10.927B) – julho/1932

análise:

A mentira, um dos Pecados Capitais, é criticada de maneira bem artificiosa neste samba. Na segunda estrofe vê-se nos dois primeiros versos um quiasmo (disposição em **X**):

A mulher mente brincando

E às vezes brinca mentindo

fato que vem a valorizar a composição em seu valor literário; vale lembrar a observação de Antônio Carlos Jobim sobre o valor “lítero-musical” de Noel Rosa.

Ainda na segunda estrofe a ironia é enfática ao máximo ao terminar com este paradoxo:

O amor é um pecado

Mas quem não ama é pecador.

Sem falar no duplo sentido que o compositor dá à palavra amor, o qual pode ser carnal, visto com reserva pela sociedade, ou pode ser o amor fraternal. No paradoxo, Noel funde esses dois conceitos.

CD: 05

Letra: 03

**MENTIR –**samba (1932)

(Noel Rosa)

Mentir, mentir, somente pra esconder

A mágoa que ninguém deve saber

Mentir, mentir, envez de demonstrar

A nossa dor num gesto ou num olhar

Saber mentir é prova de nobreza

Pra não ferir alguém com a franqueza

Mentira não é crime

É bem sublime o que se diz

Mentindo pra fazer alguém feliz.

É com a mentira que a gente

Se sente mais contente

Por não pensar na verdade

O próprio mundo nos mente

E ensina a mentir

Chorando ou rindo sem ter vontade.

E se não fosse a mentira

Ninguém mais viveria

Por não poder ser feliz

E os homens contra as mulheres

Na terra, então, viveriam em guerra

Pois no campo do amor

A mulher que não mente não tem valor.

com MÁRIO REIS e Gente Boa

ODEON (10.943A) – setembro/1932

análise:

Este samba é todo uma apologia à mentira. Em vida, Noel valeu-se muito da mentira, principalmente com as mulheres, sendo, portanto, os versos acima quase que um retrato auto-biográfico.

Sabe-se que Noel trabalhou como contra-regra no programa de rádio de Adhemar Casé, onde chegava o mais das vezes atrasado. Um dia, tendo se atrasado demais, veio com uma autêntica mentira, de tão esfarrapada que foi a desculpa: “Desculpe, Casé; é que o **pneu** do bonde furou...” (DIDIER, depoimento, Documentário em vídeo do Canal Brasil).

Admitindo a própria condição de mentiroso, na segunda estrofe, usa da ironia para denunciar que: “O próprio mundo nos mente / E ensina a mentir / Chorando ou rindo sem ter vontade”. Talvez remeta à falsidade das mulheres que conheceu na sua atribulada vida amorosa, com Clara sendo seu porto seguro de amor sincero, mas ele procurando outras que fingem e o fazem sofrer, obrigando a ele mesmo mentir. Compartilha, porém, de cumplicidade com o referido mundo dizendo, logo na primeira estrofe que “Saber mentir é prova de nobreza / Pra não ferir alguém com a franqueza”.

Dentro dos Pecados Capitais e da moral judaico-cristã dos mandamentos de Moisés, a mentira é condenada. Aqui, o poeta admite sua própria falta moral, sem deixar de ironizar o mundo que assim o condena, declarando que a mentira é corriqueira, natural e até benfazeja a certos momentos de visão: “Pois no campo do amor / A mulher que não mente não tem valor”.

CD: 06

Letra: 07

**ONDE ESTÁ A HONESTIDADE?**

samba (1933)

(Noel Rosa – Francisco Alves)

Você tem palacete reluzente,

Tem jóias e criados à vontade.

Sem ter nenhuma herança nem parente,

Só anda de automóvel na cidade...

E o povo já pergunta com maldade:

“Onde está a honestidade?

Onde está a honestidade?”

O seu dinheiro nasce de repente,

E embora não se saiba se é verdade,

Você acha nas ruas diariamente

Anéis, dinheiro e até felicidade...

Vassoura dos salões da sociedade

Que varre o que encontrar em sua frente,

Promove festivais de caridade

Em nome de qualquer defunto ausente...

com NOEL ROSA e Turma da Vila

ODEON (10.989A) – março/1933

análise:

Primeiramente, deve-se esclarecer a parceria com Francisco Alves. Este, além de cantor, era negociante de automóveis. Noel Rosa comprou dele um carro, mas não tinha o dinheiro com que pagar; então, foi pagando de uma maneira muito original: ia quitando a dívida aos poucos, dando parceria a Francisco Alves nas suas composições; e assim conseguiu comprar o “Viramundo”, como apelidou seu carro. (ALMIRANTE, 1977, 117). Portanto, esse samba, na verdade, pertence integralmente a Noel.

A letra desse samba inteira tem cunho moral e, a não ser pelo estribilho (2ª estrofe), a ironia impera. Critica a corrupção que permite que alguém “sem herança nem parente” enriqueça ilicitamente. A ironia é cortante nestes versos da terceira estrofe: “Você acha nas ruas diariamente / Anéis, dinheiro e até felicidade...”.

A última estrofe diz respeito à falsidade sem escrúpulo algum que dá ensejo à mentira alegórica de um festival de caridade “em nome de qualquer defunto ausente”.

CD: 07

Letra: 07

**FILOSOFIA** – samba (1933)

(Noel Rosa – André Filho)

O mundo me condena

E ninguém tem pena

Falando sempre mal do meu nome.

Deixando de saber

Se eu vou morrer de sede

Ou se eu vou morrer de fome.

Mas a filosofia

Hoje me auxilia

A viver indiferente assim.

Nesta prontidão sem fim,

Vou fingindo que sou rico

Pra ninguém zombar de mim.

Não me incomodo

Que você me diga

Que a sociedade é minha inimiga.

Pois cantando neste mundo

Vivo escravo do meu samba,

Muito embora vagabundo.

Quanto a você

Da aristocracia,

Que tem dinheiro

Mas não compra alegria,

Há de viver eternamente

Sendo escrava dessa gente

Que cultiva a hipocrisia.

com MÁRIO REIS, Pixinguinha e sua orquestra

COLUMBIA (22.225B) – agosto/1933

análise:

O eu-lírico põe-se na condição de excluído da sociedade, e rejeitado por uma suposta mulher soberba a quem se dirige.

Na segunda estrofe, fala o cronista de época e costumes: retrata aquele indivíduo que não quer perder a pose, que memo numa “prontidão sem fim” vai fingindo que é rico. Aí a ironia está no ridículo do personagem que pensa escapar da zombaria com fingimento, sendo esse fingimento já um pretexto para se zombar. Ocorre uma insólita fusão entre retratista e retratado, entre autor e personagem, pois toda a estrofe é em primeira pessoa.

As duas últimas estrofes estão interligadas pelo vínculo da dignidade, a qual se manteria imaculada sendo “escrava” do samba, mas essa mesma dignidade seria corrompida na figura de quem se deixasse escravizar pela hipocrisia social. E com ironia ainda lembra que a aristocracia tem dinheiro, mas não compra alegria; o dinheiro pode muito, mas não pode tudo; não pode, por exemplo, se desvencilhar do sarcasmo das palavras do poeta, e nem impor a si mesma os bens que o dinheiro não compra.

CD:08

Letra: 03

**VOCÊ, POR EXEMPLO** – marcha (1933)

(Noel Rosa – Francisco Alves)

Há muita gente que apesar do *pince-nez*,

Passa por nós, dá esbarrão e não nos vê,

Anda depressa, mas vai sempre com atraso.

Você, por exemplo... Você, por exemplo,

Está neste caso!

Há muitas santas no mundo

Que vivem fora do templo,

Santas de olhar bem profundo,

Você por exemplo!

Você por exemplo!

Quanto barbado que não paga engraxate,

Muda de casa e deixa mudo o alfaiate,

Quanto barbado que jejua mais que o Ghandi

Você, por exemplo... Você, por exemplo,

Não tem barba grande!

Quanta menina por ouvir no telefone

Uma voz grossa feito solo de trombone

Pega automóvel, vai parar não sei aonde

Você, por exemplo... Você, por exemplo,

Não anda de bonde!

Há muita gente que só sabe dar palpite,

Pois tem cabeça, mas já teve meningite,

E muita gente vive bem sem um pulmão.

Você por exemplo... Você, por exemplo,

Não tem coração!

com ALMIRANTE e Os Diabos do Céu

VICTOR (33.734A) – novembro/1933

análise:

Mais uma vez temos uma pseudo-parceria com Francisco Alves devida à compra do carro que Noel combinou pagar em composições e parcerias. Inclusive, em algumas partituras e discos da época, a autoria de Noel nem chega a ser impressa.

A primeira estrofe ironiza a soberba de alguns indivíduos que por arrogância e convencimento desprezam seus concidadãos. O *pince-nez* alude à aristocracia, e o personagem satirizado, apesar de usá-lo “Passa por nós, dá esbarrão e não nos vê”. É a maneira bem-humorada que Noel costuma usar para incrementar o ridículo; tem-se aí um arquétipo do olhar de cronista atento aos detalhes hiláricos do quotidiano, e um exemplo do refinado humor peculiar a Noel Rosa.

A segunda estrofe, que serve de estribilho, é pura ironia, pois ao longo de todo o poema são distribuídos os defeitos de vários interlocutores. Então, volta sempre o estribilho onde a interlocutora é designada santa, verificando-se a afirmação no enunciado, mas a negação na enunciação.

A terceira estrofe critica o estelionatário numa postura moralista, pois o estelionato não deixa de ser uma forma de furto, crime previsto no código penal.

Vê-se na quarta estrofe novamente o moralismo de caráter sexual; nela o poeta ironiza uma insinuada licenciosidade da parte da menina que fala ao telefone com um homem (“Uma voz grossa feito solo de trombone”) e sai em automóvel para um lugar incógnito.

Finalmente, a última estrofe parece a mais inspirada ao mesclar uma comicidade incomum com o valor literário da comparação:

E muita gente vive bem sem um pulmão.

Você, por exemplo... Você, por exemplo,

Não tem coração!

Aí, persiste a ironia, mas sem um cunho moral definido como se constata nos outros versos. Remete até ao Romantismo, coisa estranha a Noel, mormente anti-romântico, parecendo mais um queixume sentimental pela maneira como termina: “Não tem coração!”.

CD: 09

Letra: 14

**É BOM PARAR** – samba (1936)

(Noel Rosa (1) – Rubens Soares)

Por que bebes tanto assim, rapaz?

Chega, já é demais!

Se é por causa de mulher, é bom parar

Porque nenhuma delas sabe amar.

Se tu hoje estás sofrendo

É porque Deus assim quer

E quanto mais vais bebendo

Mais lembras dessa mulher.

Não crês, conforme suponho,

Nestes versos de canção:

*Mais cresce a mulher no sonho,*

*(Oi...) Na taça e no coração.* (2)

Sei que tens em tua vida

Um enorme sofrimento

Mas não penses que a bebida

Seja um medicamento.

De ti não terei mais pena

É bom parar por aí

Quem não bebe te condena, oi...

Quem bebe zomba de ti.

(1) O nome de Noel Rosa não consta no selo do disco original, nem tampouco na partitura. Depoimentos de Almirante e Jorge Faraj atribuem a Noel a co-autoria.

(2) Versos da valsa-canção *A Mulher Que Ficou Na Taça*, de Orestes Barbosa e Francisco Alves, gravada pela primeira vez por Francisco Alves em abril de 1934.

com FRANCISCO ALVES e Conjunto Regional RCA Victor

VICTOR (34.038B) – janeiro/1936

análise:

Apesar do tema ser banal, tendo como núcleo o sofrimento amoroso, vale ressaltar o valor literário dos versos compostos em redondilha maior, à exceção da primeira estrofe que serve de estribilho e, devido à melodia diferenciada, segue outra métrica; não sem mérito, pois quebra uma possível monotonia sonora.

Duas são as críticas presentes nesse samba: a insensibilidade feminina que chega à perversidade no trato amoroso, e a incontinência alcoólica do vício. É moralista na medida em que repreende o alcólatra; e termina com “chave de ouro” na ironia dos dois últimos versos:

Quem não bebe te condena, oi...

Quem bebe zomba de ti.

CD: 10

Letra: 08

**SÓ PODE SER VOCÊ** (Ilustre Visita)

samba (1935)

(Noel Rosa – Vadico)

Compreendi seu gesto

Você entrou naquele meu chalé modesto

Porque pretendia

Somente saber

Qual era o dia

Em que eu deixaria de viver.

Mas eu estava fora

Você mandou lembranças e foi logo embora

Sem dizer qual era

O primeiro nome de tal visita

Mais cruel

Mais bonita que sincera.

E pelas informações que recebi

Já vi

Que essa ilustre visita era você

Porque

Não existe nesta vida

Pessoa mais fingida

Do que você.

com ARACY DE ALMEIDA e Conjunto Regional RCA Victor

VICTOR (34.152A) – agosto/1936

análise:

Vadico foi o mais assíduo parceiro de Noel, tendo composto com este canções antológicas da música popular brasileira, como Feitiço da Vila e Conversa de Botequim (considerada pelos críticos como uma perfeição em matéria de prosódia). Seu verdadeiro nome era Oswaldo Gogliano, pianista paulistano que migrou para o Rio de Janeiro, tornando-se um dos amigos mais próximos de Noel. Há, porém, de registrar-se que no samba aqui analisado, a participação de Vadico entra apenas na melodia, sendo a letra, senão o samba inteiro, integralmente de autoria do outro; o que pode ser comprovado por um bilhete de Noel a Vadico em que o poeta solicita tão somente que o pianista componha o arranjo orquestral da música. Esse bilhete está guardado até os dias atuais no arquivo de Herberto Salles. (MÁXIMO, 1990, p.260).

Já tuberculoso, Noel Rosa foi se tratar em Belo Horizonte; notando sua ausência, Ceci, uma dançarina de cabaré amante de Noel, foi à sua residência em Vila Izabel. Após o regresso, e sabendo do ocorrido, Noel compôs Só Pode Ser Você, e o dedicou à dançarina, cantando-o em primeira audição num programa de rádio ao vivo. Em depoimento a um documentário do Canal Brasil de televisão, Ceci atesta que Noel era “sempre irônico”.

Não há necessidade de averiguar muita coisa mais, a letra em si é toda irônica, inclusive pelo subtítulo “Ilustre Visita”; e essa ilustre pessoa é carregada de qualidades imorais: só queria saber o dia da morte do poeta; “mais cruel, mais bonita que sincera”; “Não existe nesta vida / Pessoa mais fingida / Do que você”.

Intitulado inicialmente *Ilustre Visita*, o samba foi cantado na Rádio Guanabara (PRC-8) pelo próprio Noel, dirigindo-se explicitamente a quem o dedicava:

E pelas informações que recebi

Ceci

A ilustre visita era você

O episódio revela uma faceta de Noel incomum em outras pessoas: ele dedicou esse samba à amante crédulo que ela ficaria contente:

‑ Ouviu o samba que fiz pra você? (MÁXIMO, 1990, p.364).

CD: 11

Letra: 14

**REMORSO** – samba (1934)

(Noel Rosa)

Remorso todos nós temos na vida

Para marcar a quadra dolorida

Que não se pode olvidar

Remorso muitas vezes é saudade

Da felicidade

Que não se soube aproveitar

Remorso é acompanhar o enterro

De um grande erro

Que não se pôde consertar.

Remorso é sonhar acordado

É sentir, no presente, o passado

É ver nas trevas um vulto

Que ameaça descobrir o segredo mais oculto.

Remorso é aquilo que tu sentes

Perto de alguém na hora em que tumentes

Com sutilezas sem fim

Remorso é veneno em poesia

E eu hoje em dia

Vivo com ódio até de mim

Eu sofro com pena do teu remorso

E muito me esforço

Pra não ter tanta pena assim.

com MARÍLIA BAPTISTA e Orquestra

MUSIDISC (DL 1.015) – 1954

análise:

“Remorso, *s*. *m*. Inquietação da consciência por culpa ou crime cometido.” (FERREIRA, 1985, p.1460).

Conforme o próprio título averiguado no Dicionário da Lígua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, a questão desenvolvida neste samba é o arrependimento por alguma falta moral, em particular a mentira: “Remorso é aquilo que tu sentes / Perto de alguém na hora em que tu mentes”. E irônica é a passagem final em que o eu-lírico confessa dissimuladamente que tem pena do remorso alheio; é dissimulado pelo exagero ao dizer que “sofro com pena do teu remorso”. Pois quem sofre mesmo é aquele que está com remorso, não o poeta.

CD: 12

Letra: 11

**VERDADE DUVIDOSA** – samba (193...)

(Noel Rosa)

Deus vê tudo e tudo sabe,

Mas não sabe calcular

A hipocrisia que cabe

Dentro deste teu olhar.

Nem com meu ciúme nego,

Tens razão, estou convencida,

Pois tu também vives cego

Às mentiras desta vida.

Sofreste por mim cantando

Zombaste de mim chorando,

Apenas pra me enganar.

Mas vou perguntar aos sábios

Se a mentira nos teus lábios

É verdade em teu olhar.

Eu te fito humildemente,

Mas meus lábios te censuram,

Porque teu olhar desmente

O que os teus lábios juram.

Eu por ti sou enganada

Por gostar de me enganar,

Por querer ser contemplada

Pelo teu fingido olhar.

com MARÍLIA BAPTISTA e Orquestra

NILSER NS (1.011/1.012) – 1963

análise:

Este samba já começa com uma ironia “blasfêmica” ao dizer que Deus sabe tudo, mas não sabe avaliar a hipocrisia do amante, tamanha ela há de ser. Trata também da hipocrisia, a qual tem em sua fórmula um quê de mentira, um Pecado Capital, algo imoral criticado pelo eu-lírico aí.

A letra é composta em redondilha maior, à exceção do segundo verso da segunda estrofe, porém, quando cantado, a palavra *estou* soa como *‘stou*, e a métrica se mantém. Além disso, o seu valor literário faz-se valer pelos paradoxos da terceira estrofe, e pelo jogo de palavras ao estilo barroco na quarta e quinta estrofe.

Deve-se reconhecer o notável vigor mental, ou senão a opulenta inspiração do autor deste verdadeiro poema em termos estilístico, formal e filosófico. Não sem mérito Noel Rosa recebeu de seus contemporâneos alcunhas tais quais “Filósofo do Samba” e “ Sócrates do Samba”.

É ainda uma crônica a fixar em retrato musical uma variedade das relações amorosas: aquela embasada nas mentiras e traições. Ora, a traição está íntimamente ligada à luxúria, uma falta moral. Outrossim, temos nos dez mandamentos bíblicos a famigerada prédica do “Não cobiçar a mulher do próximo”.

CD: 13

Letra: 03

**ARARUTA** – samba (1932)

(Noel Rosa – Orestes Barbosa)

Tu pedes

Mandando

“Faça o favor” a tua boca nunca diz.

Tu cedes

Negando

Com esses olhos que pra mim são dois fuzis.

Sou mole,

Manhoso,

Teus impropérios retribuo com brandura

Pois água mole

Na pedra dura tento bate até que fura!

Tu beijas

Mentindo

A tua boca beija e mente sem sentir.

Desejas

Sorrindo

Que o teu perdão humildemente eu vá pedir.

Não peço

Espero

Ainda ver-te entre lágrimas bem mal.

Meu bem, escuta:

A araruta tem seu dia de mingau!

com CARLOS DIDIER e Conjunto Coisas Nossas

ELDORADO (79.83.0408-B) – 1983

análise:

A letra mostra o lado malandro do poeta, que não se deixa levar pelo jogo histérico de uma suposta cônjugue ou amante. Trata-a com ironia: “Teus impropérios retribuo com brandura” e ainda vale-se com muita oportunidade de um dístico popular: água mole na pedra dura tanto bate até que fura. Pode referir-se a uma declaração pessoalmente dita à destinatária dos versos, ou pode refletir um desabafo em pensamento.

Fica explícito na segunda estrofe que o defeito moral criticado é a mentira: “A tua boca beija e mente sem sentir”. Nesse verso ainda verificamos uma certa alusão à figura da prostituta que “beija sem sentir”. E mais atrás, na primeira estrofe, critica-se a soberba de quem “pede mandando” e nunca diz “faça o favor”.

Portanto, tem-se num mesmo samba a denúncia da soberba e de três Pecados Capitais: mentira, luxúria e ira. Mentira e luxúria eram atributos do próprio Noel, daí a ironia, difamando em outrem defeitos de si mesmo, mostrando à sociedade que lhe cobra conduta moral a imoralidade natural à sociedade. Quanto à ira e à soberba, impõe puramente moralismo.

CD: 14

Letra: 13

**CHUVA DE VENTO** (1) – embolada (29 de abril de 1937)

(Noel Rosa)

Chuva de vento

É quando o vento dá na chuva

Sol com chuva,

Céu cinzento

Casamento de viúva.

Zeca Secura

Da fazenda do Anzol

Quando chove não vê sol

Vai comprar feijão no centro

Bebe dez litros

De cachacha em meia hora

Pra agüentá chuva por fora

Tem que se molhar por dentro.

Vento danado

É aquele lá de Minas

Sopra encima das meninas

Diverte a população

Até os velhos

Vão correndo pras janelas

Pra ver se alguma delas

Já usa combinação.

Faz sol com chuva

Tem viúva lá na Penha

Não há viúva que tenha

Tanto pretendente junto

Nessa corrida

Da viúva de seu Mário

Quem for vencedor do páreo

Ganha resto de defunto.

Quem nunca viu

Chuva de vento à fantasia

Vá em Caxambu de dia

Domingo de carnaval

Chuva de vento

Só essa de Caxambu

Domingo chove chuchu

E venta água mineral.

Um Zé Pau d’Água

Tem um amigo parasita

Não trabalha e sempre grita:

Viva Deus e chova arroz!

Gritando assim

Do seu povo ele se vinga:

Viva Deus e chova pinga

Que o arroz nasce depois.

Muita gente desconfia

Dessa chuva à fantasia

Que eu vi em Caxambu.

Se o espanhol

Contar a dele, não me ganha.

Vai dizer que lá na Espanha (2)

Chove bala pra xuxu.

(1) **Apontada como a última composição de Noel Rosa. Melodia perdida.**

(2) **Alusão à revolução espanhola iniciada em 1936 por Francisco Franco, que tomaria o poder em 1939, com auxílio de Hitler e Mussolini. Esta estrofe não foi recitada por Almirante.**

recitada parcialmente por ALMIRANTE durante o Programa *No Tempo de Noel Rosa* de 31 de agosto de 1951 levado ao ar pela Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

análise:

Mesmo tuberculoso, vendo já a chegada da morte (morreria 5 dias depois), Noel Rosa em sua paupérrima residência à Rua Theodoro da Silva (onde hoje se encontra um edifício baixo com seu nome), em Vila Izabel, mantém fidelidade ao Humor e escreve esta embolada, cuja melodia, ignorada de outrem, levaria consigo ao túmulo. Entretanto, a letra remanesce, e esta tem valor e nos interessa.

A primeira estrofe é pertinentemente introdutória, dando o mote a se desenvolver. Logo na segunda estrofe, faz-se uma sátira ao alcoolismo, uma incontinência, um vício comum na sociedade e condenado pela moral.

A terceira estrofe, mesmo que muito sutilmente, faz gracejo com a luxúria, ao mencionar que até os velhos se interessam pelas roupas íntimas das meninas.

A quarta estrofe, apesar de nada moralista, parece muito bem estruturada para chegar a concluir que a viúva é um resto de defunto. Enquanto que a quinta estrofe, também sem moralismo, dá cabo da fartura de comida na cidade de Caxambu, exagerando de maneira caricata e cômica.

Porém, o moralismo irônico volta com toda a força na penúltima estrofe, ao referir-se às figuras do preguiçoso e do alcoólatra. Sabe-se que Noel tinha terrível aversão ao trabalho (nunca teve emprego regular, fora umas participações no Programa Casé, em que chegava atrasado e faltava), e, como já foi dito numa passagem biográfica no começo deste trabalho, ele tinha pendor ao alcoolismo. Assim, ele faz a caricatura da preguiça e do alcoolismo, dando a entender que sua pessoa não é das mais réprobas, pois há gente em situação mais vergonhosa.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A possibilidade de, para o fim a que se propôs este trabalho, analisar uma letra de cada disco-compacto dos quatorze que compõem a discografia de Noel Rosa, revela a homogenidade e presença relevante desta peculiaridade do referido compositor: o moralismo irônico.

Sendo imoral no seu quotidiano, Noel Rosa expõe nas letras analisadas a hipocrisia da sociedade que lhe exige uma conduta moral, porém é uma sociedade cheia de elementos que cometem deslizes de imoralidade mais extravagantes ainda, no que ele prima em registrá-los pelo exagero caricatural de cronista de época.

Há, portanto, aí a revelação de uma sociedade contraditória, a qual estabelece e faz o policiamento de uma moral soberana; Noel é falho de moral e vê-se reprimido, mas responde ao mando da moral fazendo de algumas de suas composições verdadeiros retratos da imoralidade imperante; de modo que a moral acaba em si demoralizada e não tão soberana como pretende.

O moralismo irônico de Noel Rosa reside no próprio conceito de ironia: afirmar no enunciado, mas negar na enunciação. Ora, Noel com muito humor e graça denuncia as pequenas e grandes imoralidades do dia a dia, e descaradamente as vai praticando na sua vida.

Mesmo sendo reprovado pela moral, Noel não usava de violência com as pessoas; falava com mansidão; nunca emprestava dinheiro, porém dava-o à farta aos amigos e aos desconhecidos. Este homem deixou-nos um exemplo de humanidade, sendo fiel ao samba, ainda que sofrendo barbaridades, convicto que jamais poderia ser amado por mulher alguma, e tendo a morte próxima como certa: doou seu humor até o fim para seus contemporâneos e, como se vê, para as futuras gerações.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BIBLIOGRAFIA:

AGOSTINI, Nilo. *Teologia moral*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ALMIRANTE. *No tempo de Noel Rosa*. 2.ed.

Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Dicionário da língua*

*portuguesa (tamanho médio)*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MÁXIMO, João ; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa - uma biografia*.

Brasília: editora Unb, 1990.

PACHECO, Jacy. *Noel Rosa e sua época*.

Rio de Janeiro: G. A. Penna Editora, 1955.

VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes*.

5.ed. Aparacida: Editora Santuário, 2000.

DISCOGRAFIA:

BATISTA, Marília. *História musical de Noel Rosa por Marília Batista*.

Rio de Janeiro: Musidisc, 1956.

CHEDIAK, Almir. *Songbook Noel*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1991.

DIDIER, Carlos ; DIDIER, Aluísio. *Noel Rosa inédito e desconecido*.

São Paulo: Eldorado, 1995.

JUBRAN, Omar. *Noel pela primeira vez (discografia completa)*.

São Paulo: FUNARTE, 2000.

LINS, Ivan. *Viva Noel (tributo a Noel Rosa, volumes 1 e 2)*.

Rio de Janeiro: Velas, 1997.

VIOLA, Paulinho da. *Dança da Solidão*.

Rio de Janeiro: EMI, 1972.